



O autor de "Chega de Saudade", Ruy Castro, evoca personalidades como Orson Welles em seu livro "Saudades do Século XX" (Página 2)

CINEMA

A Toscana volta a iluminar as artes, num ciclo de filmes do pós guerra italiano.

Página 2

LITERATURA

Aos 84 anos, Raquel de Queiroz diz que ainda está longe de escrever um livro de memórias.

Página 2

OPERA

O Conservatório Nacional e o Metropolitan do Rio encenam em dezembro "Carmem", de Bizet.

Página 2

Juiz de Fora, quinta-feira, 17 de novembro de 1994

TRIBUNA DE MINAS

VILLA-LOBOS E TOM JOBIM

# Pura paixão pelas coisas do Brasil

JORGE SANGLARD  
REPORTER

"Sim, sou brasileiro e bem brasileiro. Na minha música eu deixo cantar os rios e os mares deste grande Brasil. Eu não ponho breques nem freios, nem mordada na exuberância tropical das nossas florestas e dos nossos céus, que eu transponho instintivamente para tudo que escrevo". (Heitor Villa-Lobos)

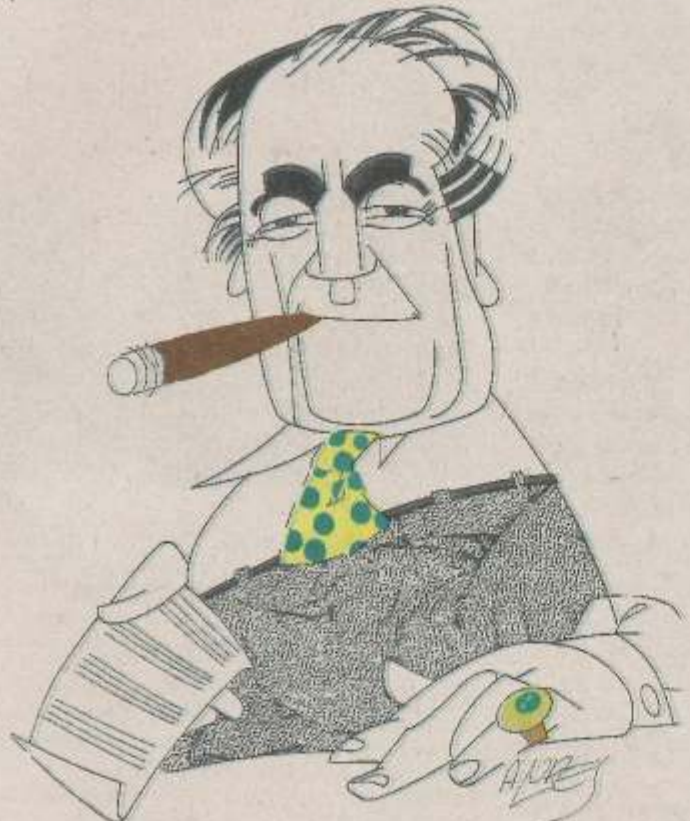
Há 35 anos morria no Rio de Janeiro um dos maiores mestres da música brasileira de todos os tempos, o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos. Apesar de toda sua contribuição à cultura brasileira, Villa-Lobos ainda não tem no país o reconhecimento à altura do "mais brasileiro de todos os brasileiros". A obra de Villa-Lobos articulou o erudito ao popular com desenvoltura e profundidade e projetou o carioca, nascido em 5 de janeiro de 1887, como o músico brasileiro mais respeitado em todo o mundo.

No dia em que Villa-Lobos é lembrado com saudade, outra personalidade musical apaixonada pelas coisas do Brasil, Tom Jobim, lança seu novo CD intitulado **Antonio Brasileiro**. E Tom Jobim só não é o mais brasileiro dos brasileiros porque Villa-Lobos nasceu antes e não admitiria passivamente rivalidades nesta área. Mas o certo é que Tom e Villa são dos dos mais apaixonados artistas brasileiros de que se tem notícia. A música de cada um destes geniais criadores deixa fluir a essência do amor por nossa terra, por nossas florestas de forma ampla e arrebatadora. Verdadeiros embaixadores da criatividade brasileira. Heitor Villa-Lobos e Antonio Carlos Brasileiro Jobim inseriram o Brasil no mapa da música universal. Já bastaria para um vida.

@ útil somente através da música. E, em 1987, quando se comemorou o centenário de seu nascimento, o Brasil pôde sentir plenamente a intensidade com que sua memória foi reverenciada em diversos países. O único outro músico brasileiro capaz de merecer tanta homenagem fora de sua país é justamente Tom Jobim. Em 6 de abril deste ano, Tom participou de um concerto de gala no Carnegie Hall em comemoração dos 50 anos do selo Verve. O registro deste tributo aos mestres do jazz está disponível no CD importado **Carnegie Hall Salutes The Jazz Masters** e Jobim marca presença em "Desafinado" e "How Insensitive" (Insensatez). A bossa nova, mais uma vez, abriu caminho para os músicos brasileiros nos Estados Unidos.

O carioca Tom Jobim e o carioca Villa-Lobos conseguiram sintetizar em suas composições as coisas do Brasil e, cada um a seu modo, lançou sementes musicais suficientes para seduzirem não só os brasileiros como todos os amantes da qualidade e da criatividade. Heitor Villa-Lobos, em sua trajetória, não se limitou a produzir centenas de obras, nos mais variados estilos. Uma constante em sua produção é o trabalho de levar o povo e a música a se encontrarem em um ponto comum, para juntos inventarem um caminho novo.

Hoje, uma missa em memória de Heitor Villa-Lobos, às 18h, na Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, marca os 35 anos de morte do compositor e maestro. E a Sala Cecília Meireles abre suas portas, às 19h30, para a realização de concertos até o dia 22. Todo o evento tem coordenação do violonista Turbívio Santos, que dirige o Museu Villa-Lobos, no Rio.



**A**ntonio Carlos Brasileiro Jobim e Heitor Villa-Lobos são mestres da música brasileira e simbolizam a resistência cultural à pasteurização. Avessos a concessões, Jobim e Villa — cada um a seu modo — fizeram de sua obra uma ponta de lança para ampliar os horizontes de um país tão criativo e tão pouco valorizado. Ao lançar o CD **Antonio Brasileiro**, Tom Jobim resgata preciosidades como "Ó só danço samba", "How insensitive/Insensatez" e

"Maracangalha", entre outras, ao lado de novas canções. Pouco importa se estas novas canções não sejam muitas. O que vale é que são ótimas. Assim, "Samba de Maria Luíza", "Radamés y Pelé", "Pato Preto" e "Forever Green", além de "Trem de Ferro", elaborada sobre um poema de Manuel Bandeira, atestam a vitalidade de Tom Jobim. A participação de Sting, em "Insensatez", injeta sangue novo num clássico jobiniano. Mas Tom está mesmo interessado em escancarar aos quatro cantos seu grito de alerta em defesa do planeta

Terra. Como um manifesto cultural brasileiro, criativo e inventivo este novo disco do genial Tom Jobim é mais uma investida do mais brasileiro dos brasileiros, depois de Villa-Lobos. Como um Matita Peré, aquele passarinho do sertão que insiste em desafiar a tudo e a (quase) todos, Jobim simboliza a força da natureza, da luta pela vida contra a devastação, contra o progresso a qualquer custo. Tom Jobim fez um disco digno de sua condição de compositor e de arranjador maior da música popular brasileira.

ESTRÉIA

## Um Cordeiro com a pele da excentricidade

São Paulo - Armado com três modelitos Ocimar Versolatto, um sapato de salto vermelho (símbolo de status para os nobres e os "castrati" na Itália do século 16), o cantor Edson Cordeiro, que já esteve em Juiz de Fora duas vezes, inicia hoje a turnê de lançamento do seu novo disco, no Palace, com ingressos que vão de R\$ 15 a R\$ 40. No roteiro musical, uma canção sertaneja, "Saudade da Minha Terra", de Belmonte e Goiás, e uma "canção de motel", "Loving You", de Minnie Rippleton, entre outras excentricidades do cantor.

"Sou eu que me arrisco, sou eu que sofro, essa é a minha profissão", diz Edson. "A crítica tem a sua, que é criticar, mas eu não uso seus parâmetros em minha carreira", explica, a respeito da acusação de ecletismo demasiado. Ele tem seus motivos em manter o estilo: o disco que lançou há pouco mais de um mês já vendeu 50 mil exemplares e, em março, já tem acertada uma grande turnê na Europa, que começa em Berlim, Alemanha, no Clube dos Diretores de Arte, a convite da revista "Stern".

O cantor explica que incluiu uma música sertaneja no show em homenagem ao pai, Gentil Cordeiro, um apreciador da "música de raiz" que mora em Santa Cruz do Rio Pardo. Acompanhado de dois tenores líricos, Fernando Patao e Cristine Guicá, ele também faz uso da ópera no show, num número especial - um cômico duelo de egos entre o solista e dois cantores convidados em árias diversas. Canta ainda "Despejo na Favela", de Adoniram Barbosa, "Errei Sim", de Dalva de Oliveira, "Bom Dia", de Herivelto Martins, "Hocus Pocus", do grupo Focus e o repertório dos discos, inclusive a onipresente "Babalú".

"Canto vários gêneros porque cada música permite um desenvolvimento, uma interpretação", justifica Cordeiro. A ópera é recorrente porque está nas suas referências e na formação. Admira profundamente as primadonas dos palcos, e fala com entusiasmo tanto das cantoras mitológicas quanto das novíssimas, como a mezzo soprano italiana Cecilia Bartoli, sensação atual nos teatros europeus. "Quando canto ópera, canto como fã", diz. "Tudo que faço é brincar de prima-dona, mas não tenho disciplina para me dedicar só ao sacerdócio da canção lírica", explica, dizendo que se considera "um cantor popular".

O cantor, que no começo da carreira chegou a cantar árias no Centro de São Paulo para office-boys e curiosos em geral, começou a decolar profissionalmente. Tanto que já se dá ao luxo de desenterrar - e levar adiante - velhos projetos. No ano que vem, por exemplo, grava um disco pela Sony só com músicas do repertório de Dalva de Oliveira, sua influência mais marcante. "Há cinco anos sonhava com esse projeto", diz Edson. "Dalva teve o porte de uma estrela hollywoodiana, uma pessoa de talento extremo que foi muito massacrada", afirma. Nesse disco, ele pretende tirar coisas do "fundo do baú" do repertório da cantora, como "Pela Décima Vez", de Noel Rosa. Também quer ressuscitar a lendária "dupla branco e preto" que Herivelto Martins fazia com Nilo Chagas e que, com a chegada de Dalva, se tornou um trio. Ele mesmo vai produzir.

Edson Cordeiro usa as metáforas de suas canções para explicar suas mudanças e seu repertório multifacetado. "Eu matei a Rainha da Noite e ressuscitei a Acid Queen", diz o cantor. "Neste show, eu me torno outro tipo de rainha, tão enfiada quanto a outra, e escolho nova maneira de continuar sendo rainha."